

plenitude de estágio poético

ALMEIDA FISCHER

Para examinar-se a obra de vários poetas de universos diferentes, de gerações diversas e de tendências pouco aproximáveis cremos ser aconselhável iniciar a apreciação a partir da linguagem, que é o veículo através do qual a poesia se realiza e se transmite. Dois livros de poemas que se empilharam sobre nossa mesa de trabalho, nos últimos meses do ano passado e primeiros deste, selecionamos os seis melhores, todos realmente bons, para dizer sobre cada um algumas palavras de mero registro, comportáveis em trabalho de exíguo território: *Sonetos do Tempo Perdido*, de Waldemar Lopes; *Canto da Matéria Viva*, de Audálio Alves; *Os Mortos Azuis*, de Francisco Carvalho; *Altiplano e Outros Poemas*, de Anderson Braga Horta; *Ave de Rapina*, de Itálico Marcon; e *Ordenações*, de Carlos Nejar. Numa distribuição geográfica que, no caso, pouco importa ao estudo dos livros, pode-se dizer que seus autores são: dois pernambucanos (Waldemar Lopes e Audálio Alves), um cearense (Francisco Carvalho), um mineiro, radicado em Brasília (Anderson Braga Horta) e dois gaúchos (Itálico Marcon e Carlos Nejar). Três nordestinos, um sudestino e dois sulinos.

Waldemar Lopes reuniu, em *Sonetos do Tempo Perdido*¹, alguns dos sonetos mais belos de língua portuguesa, sobre os quais Manuel Bandeira dissera há tempos que precisavam "ser publicados na íntegra pois representam poesia da melhor escrita no Brasil". Seus versos decassilábicos mostram não apenas um mestre da métrica e da construção formal, que domina por inteiro os instrumentos de seu ofício, mas um poeta de enorme força lírica, que se vale dos mais expressivos recursos de linguagem para comunicar sua poesia. De fato, o que

1 LOPES, Waldemar. *Sonetos do Tempo Perdido*. Rio de Janeiro, Editorial Palmares, 1970.

há a ressaltar em seus poemas como fundamental importância, além do valor da mensagem lírica que nos transmitem, é o inexcedível poder verbal do poeta pernambucano, que se socorre, na elaboração de seus versos, de valores metafóricos de impressionante riqueza conotativa, de aliterações e assonâncias bem construídas que lhes melhoram o ritmo e a musicalidade. Mas não se pode apreciar convenientemente a linguagem poética de Waldemar Lopes sem transcrever alguma coisa deste seu livro. Vejamos o *Soneto da Esperança*: "Tempo de azul e não. Desencantado/ reino do que não foi, mundo postiço,/ ontem feito de agora, hoje passado:/ na essência do não-ser o instante omisso.// (Margaridas da tarde, onde o seu viço?/ Choro de água nos ares, lento e alado/ caminho cor de sonhos? Insubmisso/ mar sem datas, desfeito e recriado?// Suaves rechãs por onde a mão do vento/ esculpia no verde a 'sombra exata/ e as imagens que o olhar já não alcança.// Aventuras tão-só do pensamento:/ arco de azul, a tarde era a fragata/ supérflua, para o exílio na esperança.) "É de assinalar-se a riqueza imagística do soneto, decorrente de tropos como "choro de água", "lento e alado caminho", "as mãos do vento", "a tarde era a fragata supérflua, para o exílio na esperança", e também de valores antinômicos desta espécie: "tempo de azul e não", "mundo postiço, ontem feito de agora, hoje passado," etc. Em outros sonetos encontramos versos aliterativos como estes: "Rubra rosa na relva, eis a recente" e "rastros, refazem rotas renascidas".

A poesia se socorre de uma área vocabular muito mais restrita do que a prosa. Saber delimitar essa área é problema que se coloca em plano da maior importância para a arte poética e serve mesmo de primeiro diagnóstico em função do qual é possível separar os bons dos maus poetas, a boa poesia da prosaica. Waldemar Lopes soube escolher, para a estruturação dos seus sonetos, as palavras certas — ou as combinações de palavras certas —, com grande carga poética e manejar todos os recursos enriquecedores da linguagem que o idioma deixou ao alcance do seu talento de poeta verdadeiro. Disso resultou um livro de qualidades incontestáveis.

O lirismo da poesia de Audálio Alves, neste *Canto da Matéria Viva*², não é manso e sussurrado como o dos sonetos de Waldemar Lopes. É um tanto agressivo e de tom mais alto. No Canto V do poema longo "Amorama", encontramos estes versos: "Ontem, ao falares,/um circuito em tua voz queimou-me a fala,/ e eu te disse um verso quase escuro:/ ao rolar por teus seios eu sentia/ o silêncio das luzes condenadas./ Lembras-te?/ Fui eu quem ontem,/ no leito

2 ALVES, Audálio. *Canto da Matéria Viva*. Rio de Janeiro, Editora Cátedra, 1970.

em que dormias,/ iluminei acima de teu ventre/ e descí/ como um pássaro do ocaso,/ buscando o ninho inquieto/ de teus bosques:/ chovia/ mas à relva/ uma flor de verão/ sem sol/ desabrochava." Do Canto IV do mesmo poema são de se transcrever estes outros: "Medram dois seios/ no teu corpo inertes/ ao desespero destas mãos vazias. Ah,/ e o mar,/ sinuoso mar/ teu corpo alado/ — a fúria de meu sangue/ em teus sargaços."

Os poemas de Audálio Alves são também ricos de metáforas das mais arrojadas e de sinestias inusitadas, como, por exemplo, "verso quase escuro", "léxico vermelho", etc. Não se vale o poeta, senão raramente, das aliterações, mas se socorre de variações anafóricas, da técnica da repetição, como nos versos seguintes: "esse amor de colinas separadas,/ essa paz que separa duas setas/ esses rastros/ na morte/ que prosseguem,/ esses rios sem ilha, esse horizonte — ah,/ essas coisas da vida que desunem." Ou nestes: "O mesmo vácuo,/ o mesmo ar,/ a mesma massa líquida." Em muitos poemas deste livro o autor utilizou a técnica da repetição, sem o emprego de formas anafóricas, como nestes e em numerosos outros versos: "Nascestes tanto, morreste tanto,/ e ainda pobre/ nasces de novo."

Na última parte do livro, "Murais", Audálio Alves incluiu alguns poemas de fundo social, como "Requiem para Luther King" e "Incêndio Civil", sobre o suicídio do estudante tcheco Jan Palach, em sinal de protesto pela ocupação de sua pátria pelas tropas soviéticas, do qual extraímos este trecho: "Morrias em Praga,/ e em chamas:/ muitos puderam ver/ a pressa com que Deus se deslocava/ nos extremos da carne iluminada." E este outro: "Jan, entre os demais,/ eu quero agora um poema incendiário/ ou todo um livro paginado em chamas."

A maior parte dos poemas está vazada em versos livres. Mas vamos encontrar, ainda em "Murais", alguns poemas metrificados e rimados, como "Terceiros da Elegia Terceira", referente ao sepultamento do poeta Cezário de Melo, de que transcrevemos os seguintes versos: "Por que doá-lo ao chão e não ao vento?/ mantê-lo sob o solo, e não levá-lo/ de quanto o faz tão mudo e desatento?// Partir da vida às rédeas de um cavalo,/ dobrando às mãos o amargo da partida,/ freando o eterno às curvas do intervalo."

A voz lírica de Francisco Carvalho fica ecoando em nós após a leitura de seus poemas, o ritmo bem marcado cadenciando sua tristeza e seu desencanto: "Vagos vêm vindo os pobres/ rasos que roçam os lagos/ ricos do que não têm./ Vêm dourados de andrajos/ saudosos de ninguém.// Ninguém os vê na estrada./ Nem mesmo o vento os roça/ numa antiga ovação./ Pajens da morte moça/ cedo

aprendem que o são." Poesia mais triste e mais seca do que a dos dois poetas pernambucanos, os versos do cearense Francisco Carvalho, em *Os Mortos Azuis*³, são construídos com indiscutível mestria e com enorme poder de comunicação. A força de sua linguagem poética, a beleza das imagens e o ritmo seguro de seus versos assinalam a presença de um dos melhores poetas brasileiros de sua geração, da geração de mais de quarenta anos. Aliás, Carvalho e Benevides são os maiores poetas vivos do Ceará. "Cantiga de Maldizer", de que transcrevemos algumas estrofes, mostra bem a força de comunicação dos versos de Francisco Carvalho: "Seja por todos maldito:/ pelo céu e pela terra/ pela neve e pelo fogo/ pela flor, pela formiga/ quem te expulsou da canção.// Quem te expulsou da canção/ raça viril de caprinos/ seja arrastado entre víboras/ por um clarão de cavalos/ perante o rosto da lei.// Perante o rosto da lei/ seja ultrajado e ofendido/ quem te expulsou da canção./ Dos teus ombros corra o mel/ como do escuro dos bosques/ escorre luz de formigas./ Dos teus olhos esperanças/ renasçam fortalecidas/ num céu de nuvens em flor.// Num céu de nuvens em flor/ a eternidade se faz/ como um tecido de malha./ O tempo é coisa e envelhece/ os anjos mudam de nome." Nesse poema, dos mais longos do livro, o poeta se socorreu da figura do *leixapren* da lírica galego-portuguesa e dos trovadores provençais, repetindo no começo de cada estrofe o último verso da estrofe anterior.⁴ Em vários outros poemas Francisco Carvalho se vale de recursos semelhantes, de ritornelos e de antecantos. Em "Poemário" vamos encontrar uma espécie de antecanto do melhor efeito poético, com a repetição do mesmo verso no início de cada terceto, embora o poema não traga nenhuma divisão estrófica: "não é de agora/ que a solidão/ nos põe a garra/ não é de agora/ que a luz dos mortos/ em nossa casa/ não é de agora/ que a eternidade/ nos comemora/ não é de agora/ que tanto espaço/ nos empobrece/ não é de agora/ que de espingarda/ se vai aos campos/ não é de agora/ que deus se empalha/ de pirilampos/ não é de agora/ que o sol e a chuva/ são da memória/ não é de agora/ que a flor no zênite/ é meio-dia/ não é de agora/ que a minha raiva/ te acaricia./ Transcrevemos o poema inteiro por dois motivos: para mostrar a elipse verbal do sexto verso, isto é, do último verso do segundo terceto; e para assinalar o inusitado da imagem dos três últimos versos do poema.

3 CARVALHO, Francisco. *Os Mortos Azuis*. Fortaleza, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1971.

4 *Leixapren* ou *leixa-prém*, recurso poético muito utilizado pela lírica galego-portuguesa e pelos trovadores provençais, que consiste em repetir no começo de cada estrofe o último verso da estrofe anterior ou parte desse verso, dando a impressão de que larga e retoma o assunto em desenvolvimento.

Nada obstante a segurança rítmica de todos os versos antes transcritos, vale aqui reproduzir algumas estrofes de "Acalanto para Mãe-Chiquinha", por sua cadência tão bem marcada: "Mãe-Chiquinha nos amava/ com seu calor de nascerença:/ o riso dos dentes são/ a liberdade em desuso/ trazida da escravidão.// Mãe-Chiquinha possuía/ no olhar segredos gerais/ Á luz do cachimbo aceso/ de repente se perdia/ na pele dos ancestrais.// Mãe-Chiquinha intercedia/ tanto e com tal purgação/ que em seu cismar se esquecia/ dos cinco dedos da mão/ repletos de simetria."

Encontramos em todo o livro imagens das mais belas, como "punhal de gritos", "anjos de algodão", "aurora de adagas", "luz de estilhaços", "corcel de soluços", "rio de espanto", "cicatriz de estrelas", etc. O poeta se vale de todos os recursos formais ao seu alcance na elaboração de seus versos, inclusive de aliterações numerosas, como no poema "A Nave", de que transcrevemos duas estrofes: "Agora escuto a nave/ nítida nuvem negra/ nave como navio/ na noite navegável.// A nave na novena/ a nave no nadir/ náide namorada/ a navegar em náilon."

Anderson Braga Horta, nascido em Minas e radicado na Capital da República, é o poeta da construção de Brasília que estréia com *Altiplano e Outros Poemas*.⁵ Ouçamos-lhe a voz, neste final do longo poema "Altiplano": "No Planalto, lenta,/ se abre:/ rosa superfaturada/ em vidro-plano e concreto.// Contraditória/ rosa/ explosiva.// De tuas impurezas,/ de tuas asperezas,/ rosa queremos-te/ exata./ No altiplano de nossas esperanças,/ rosa-dos-homens/ construímos-te futura." Basta esta amostra para situá-lo em sua área própria: seus versos são de grande apuro técnico e transmitem bem sua emoção, vazados em linguagem limpa e seca, como neste final de "Criança Chorando": "Tão pequeno e já franzes a testa. Porventura sabes quanto pranto é preciso para fazer-se um homem/ e te constróis impacientemente." Não é preciso ler muito para termos a medida deste excelente poeta jovem, que se apresenta adulto em seu primeiro livro, manejando com mestria todo o instrumental necessário ao seu ofício. A poesia de Anderson Braga Horta se realiza através de uma linguagem bastante trabalhada, em que se utilizam com propriedade os melhores recursos poéticos. Numa colheita rápida ao longo das páginas do seu *Altiplano e Outros Poemas* reunimos imagens como estas: "grito áureo dos tucanos", "sarapatel de insônia", "ração de espanto", "cogumelos de vidro", "flores mudas do mistério", "ferrugem do sonho", etc. Seus poemas se iluminam de repente, à medida que são elabo-

5 HORTA, Anderson Braga. *Altiplano e Outros Poemas*. Brasília, Ed. de Brasília, 1971.

rados, e da magia das palavras brotam versos como estes — estrofes finais de "Os Cães": "Alguém ligou a máquina do dia./ Os cães despertam mastigando as luzes/ que a pródiga manhã lhes põe nos olhos./ E ei-los felizes abanando as caudas, // sequer imaginando que fragrâncias,/ que músicas pagãs deixam gravadas/ na memória das frias madrugadas/ de cães ladrando flores no silêncio."

Reencontramo-nos, em *Ave de Rapina*⁶, com a bem feita poesia de Itálico Marcon, apenas bem mais amarga do que a de seu *Tempo de Exílio*, publicado em 1969. Logo no poema que abre o volume deparamo-nos com estes versos secos e de maus presságios: "Partes/ ao encontro do enfarte/ que te aguarda/ neste cair de tarde,/ *ave de rapina*." O poeta mudou bastante, deixou a dicção lírica de seus poemas anteriores, tornou-se mais agressivo, como no poema "Identidade", em que também utiliza a técnica de repetição: "A faca,/ e o seu gume,/ instrumento do homem.// — Desafio imposto,/ bofetada no rosto.// A faca e o seu gume,/ cintilação ambígua.// — Resumo de uma história/ definitiva.// A faca e o seu gume,/ no ventre do homem.// — Doloroso idioma,/ meu nome." Seus poemas sobre uvas são explicativos, fluindo deles uma poesia bucólica cheia de serenidade, como nestas estrofes: "Um cacho de uva/ não é uma represa,/ exige menos espaço:/ a medida de uma mesa.// Cabe todo num vaso/ de porcelana italiana/ e por todos os lados/ é um cacho de uva.// É múltiplo e fecundo/ em sua contextura, ainda mais tratando-se de uva madura." O tom geral dos novos poemas de Itálico Marcon é de pessimismo e desalento, como podemos constatar nos seguintes versos, retirados de várias partes do livro: "Desnudo os meus pecados/ e também/ minhas negaças,/ o meu reino (a poesia),/ que me espanca/ e restaura,/ e vivo a todo instante,/ minha jaula./ Permaneço/ o que sempre fui/ reta retraçada/ em amargo e azul." É de assinalar que sua linguagem poética, que perdeu um pouco de sua musicalidade, ganhou em depuração, em contensão. Leiamos, como exemplo, esta estrofe do último poema do livro: "Esgotei minhas colheitas,/ minha provisão de peixe,/ de trigo e de azeite, e a viagem recomeça/ em sua última instância."

Carlos Nejar, poeta gaúcho em plena ascensão, dá-nos agora *Ordenações*⁷, volume de poemas que conquistou, em 1970, o Prêmio Jorge de Lima (para livros inéditos) do Instituto Nacional do Livro. A primeira observação a fazer com referência à bela poesia deste jovem de pouco mais de trinta anos diz respeito à incorporação aos seus versos de uma terminologia jurídica (Nejar é

Promotor Público em Erechim), que lhes confere, de pronto, originalidade: "Louco ou não, ébrio sempre,/ avarento com as lamúrias,/ prescrevo estas ordenações/ para que afixadas sejam." Do poema "Provimento" transcrevemos estes versos: "Vós me haveis de dar lugar/ nesta hora sem fereza,/ por mais que o tenhais guardado,/ por mais que o tenteis guardar.// Armeiro, vim desarmar/ os agravos;/ o que for/ será de amor e passagem./ Pousada me haveis de dar/ e aos cavalos pastagem." Muitos títulos de seus poemas aproveitam a terminologia jurídica, como estes: "Considerações sobre a Falência", "Devassa", "Posse", "Quitação", "Arrolamento", "Formal de Partilha", "Vistoria", "Flagrante", etc.

A linguagem dos poemas de Carlos Nejar é de uma impressionante riqueza conotativa, o sentido de seus versos construindo-se através de associações de idéias, de símbolos, de valores metafóricos de efeitos imprevistos. Vale-se também, e constantemente, de metonímias, de antecantos, de antanáculos e de anáforas, de ritornelos, de aliterações, etc. No poema "Testamenteiro" encontramos utilizados com segurança alguns desses recursos da arte poética: "Testamenteiro sou de alguém que esconde/ no gesto do chapéu, no andar de ombros,/ no cumprimento lerdo, retraído,/ de quem leva pela mão os seus sentidos.// Testamenteiro sou. Hei por primeiro/ ponderações a ouvir/ para depois erguer o valimento,/ a carta de alforria, aos súditos/ leais. E o banimento no estrangeiro país,/ a quem o quis.// Testamenteiro sou de alguém que nego/ com motivos expostos, nos impostos e arreglos,/ na gravata alinhada, no *recesso do reino*/ mas nunca no recesso de mim mesmo.// Testamenteiro sou, sem ter querido/ ou buscado na corte. Sem braços/ d'El-Rei, senhor dos condes./ Vem do berço,/ cujo fundamento é ser intenso/ nas feições que sustento,/ entre mim/ e as Colunas de Hércules,/ entre mim/ e o regimento das capitânias.// Testamenteiro sou e se acaso/ em meu porte repararem,/ verão/ que trago alguém nos traços/ que não é pai ou irmão./ Nem tampouco minha mãe.// É alguém que ignoro/ e que, no entanto, sei/ e para meu decoro/ é alguém que sepultei."

A musicalidade dos versos de Nejar repousa também na técnica da repetição, que lhes imprime ritmo bastante seguro. Este canto de "Poética" vale ser transcrito: "Cavo o poema/ nos meus guardados, carta de terras/ que não reparo.// Cavo o poema/ longe do nojo,/ perto do ontem/ onde repouso.// Habilitado/ pelos contrastes/ e pelos ares/ de meu casaco,/ cavo o poema/ com zelo e arte.// E bebo o leite/ que vem do tambó;/ cavo o poema/ cavo até quando/ surgir à cena,/ Davi, o campo/ e o mais que teima/ no fundo espanto.// Cavo o poema,/ com suas sardas/ e seus fonemas./ Tardo, recluso,/ eu mesmo uso/ de

6 MARCON, Itálico. *Ave de Rapina*. Porto Alegre, Edições Galaad, 1971.

7 NEJAR, Carlos. *Ordenações*. Porto Alegre, Editora Globo-MEC, 1971.

suas penas,/ urdindo as teias/ desta vivenda,/ na noite plena.// Absalão, "cavo o poema."

Os versos de Nejar que transcrevemos mostram bem a superior qualidade de sua poesia e, também, seu grande conhecimento de arte poética. Dizer mais seria ocioso.

* * *

Os livros destes seis poetas de fato bons, que procuramos analisar sucintamente, mostram que a poesia brasileira não se encontra em crise, nada obstante o surgimento de algumas modas grafistas que poderia indicar o esgotamento do atual estágio poético nacional. Poetas de diversa dicção, de paisagens diferentes, de universos vários, poderíamos no entanto tentar algumas aproximações entre eles. Talvez Waldemar Lopes e Audálio Alves se aproximem por alguns poemas de sentido elegíaco e pelo retorno ao chão da infância. Francisco Carvalho e Carlos Nejar mostram pontos comuns em mordacidade e sátira em muitos poemas, às vezes também em desencanto e agressividade. Agressivos também se mostram alguns poemas de Audálio e de Itálico Marcon. Em Anderson Braga Horta encontramos poemas de fundo social, tanto quanto em Audálio Alves e em Francisco Carvalho. Audálio e Anderson Braga Horta cantam suas cidades: Recife e Brasília. Há desalento na poesia de Nejar, Audálio, Marcon e Francisco Carvalho e nostalgia na de Waldemar Lopes.

O ponto comum mais importante, porém, entre estes autores é a linguagem poética. Todos trabalharam seus poemas verso a verso e todos o fizeram com inteiro conhecimento dos recursos que a arte poética coloca ao alcance dos poetas verdadeiros. Isso porque não se faz poesia somente de inspiração, como já ensinava Mário de Andrade há algumas décadas, alertando os seguidores do modernismo para a necessidade do retorno ao estudo e à disciplina formal.